

UFSJ – UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI
LICENCIATURA EM TEATRO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

FÁBIO LUIZ DE SENA

OFICINA DE FORMATAÇÃO E CONSIDERAÇÕES NECESSÁRIAS
PARA UMA ESCRITA DRAMATÚRGICA PARA O TEATRO NO
ENSINO FUNDAMENTAL

BARBACENA (MG)

2015

FÁBIO LUIZ DE SENA

**OFICINA DE FORMATAÇÃO E CONSIDERAÇÕES NECESSÁRIAS PARA UMA
ESCRITA DRAMATÚRGICA PARA O TEATRO NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado
à Banca Examinadora da UFSJ – Universidade
Federal de São João del-Rei, para a obtenção
de grau de Licenciado em TEATRO

Orientador: Professor Dr. Alberto Ferreira da
Rocha Júnior

Barbacena (MG)

2015

AGRADECIMENTO

À minha mãe Geralda Alves de Sena, aos meus irmãos Carlos Lannuce de Sena, Bruno Alves de Sena e Alinne Alves de Sena; à Diretoria, Coordenação e alunos do Centro Educacional Aprendiz, onde apliquei a Oficina de Dramaturgia; ao meu Orientador Acadêmico Prof. Frederico Bustamante, ao meu paciente e esclarecedor Orientador de TCC Prof. Alberto Ferreira da Rocha Júnior e aos professores que me estimularam nesta vida acadêmica, desde 2010.

RESUMO

Em escolas, oficinas para reconhecimento da estrutura estética de Dramaturgia, especificamente para o teatro, se fazem necessárias, para estímulo de conhecimento e valorização dessa arte, no meio estudantil, entre alunos e professores, também, que, em geral, não usam este tipo de texto nas montagens teatrais escolares. E, conseqüentemente, muitos, durante toda sua vida escolar deixam de conhecer um texto dramático, como forma objetiva para montagens teatrais. Não que a partir de outras formas de textos não seja possível realizar um espetáculo teatral. Não é a discussão deste Trabalho de Conclusão de Curso. E, sim, o mesmo levanta uma questão quanto ao sério desconhecimento, por muitos, de como é a estrutura desta arte milenar e suas objetividades, através de sua estrutura de escrita. Portanto, alguns alunos do Ensino Fundamental 2 aderiram a uma proposta de oficina para escrita dramática com base em uma estética, transformando um primeiro texto solicitado para análise de como eles imaginam que seja um texto para o estudo de um ator, em um texto dramático. Resultando, também, além de adolescentes já com conhecimento quanto às considerações necessárias ao se escrever um texto para teatro, em exemplos concretos para que outros possam recorrer em quaisquer processos de criação teatral, na escola, e estímulos para que busquem maiores apreciações de leituras de textos dramáticos, como mais uma rica alternativa cultural.

Palavras-chaves: Dramaturgia. Oficina de dramaturgia. Estrutura estética de um texto dramático.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. DESENVOLVIMENTO	5
2.1. Cronologia da oficina	8
2.1.1. Primeiro dia de oficina	8
2.1.2. Segundo dia de oficina	9
2.1.3. Terceiro dia de oficina	9
2.1.4. Quarto dia de oficina	10
2.1.5. Quinto dia de oficina	11
3. RESULTADOS	12
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	14
ANEXOS	15
O sofrimento	15
O cachorro e o gato	17
O feriado	19
Marli – A dona de casa	21
O leão e o gambá	24
Um dia difícil e engraçado	26
Pegando onda	28
De salto alto	30
Pensou besteira	32
Roubo de moto	34
O assalto	36
Grande amor	38

1. INTRODUÇÃO

Segundo minhas observações antigas e recentes, como aluno e, hoje, como professor de teatro e artes, em espaços formais e informais de ensino, e então acadêmico do Curso de Teatro da UFSJ – Universidade Federal de São João del-Rei, quero falar, aqui, especificamente, a graduandos diversos de licenciatura, a professores atuais e futuros e alunos do Ensino Fundamental que não fazem muito uso de dramaturgias, em seus planos pedagógicos que envolvem teatro, em aulas e eventos da escola. E nos estudos ou experimentos de teatro, nas aulas de artes, pouco ou nada se aborda sobre as formatações da arte de um dramaturgo. O que, até em aulas de Português e Literatura, leva as crianças a confundirem dramaturgia com texto narrativo e citações de diálogos (aquelas que usam um “hífen” [sic] antes das falas). E outras confusões.

O grande diferencial é “como” se organizar as seguintes questões: “QUEM? ONDE? QUANDO? O QUÊ? POR QUÊ? PARA QUÊ? COMO?”. E estas questões podem partir do imaginário fantasioso, assim como podem se basear em inspirações da vida real. No entanto, considerando um texto para o “teatro”, precisamos idealizar como isto pode ser organizado em um espetáculo teatral. E por teatro me refiro ao termo segundo sua etimologia grega que dá ao vocábulo o sentido de “lugar onde se vê”. Isto quer dizer que, ao escrever um texto teatral, o aluno passe a considerar os tempos das ações, local, cenário, figurino, maquiagem, sonoplastia, iluminação (como provocador de ilusões e transformação do espaço cênico), as falas... Enfim, aprofundamento sobre as possibilidades de como desenvolver e organizar, na estética de dramaturgia, os diálogos dos personagens e as rubricas/didascálias (considerações ao ator, diretor, técnicos e suas relações com o espaço cênico), para uma obra literária teatral.

Uma peça teatral ‘autônoma’ (...) com suas ‘próprias qualidades’ é aquela que é regida pelas leis do teatro (da dramaturgia e da encenação). É aquela que utiliza da linguagem teatral e de seus signos (...). Enfim é aquela que percebe ‘o ponto de chegada’ como resultado de uma criação teatral verdadeira, (...) com a autêntica essência do teatro, encontrada apenas, e tão somente, no código teatral. (CAVALCANTE, 2006, p. 29)

Além do pouco uso da dramaturgia teatral, na escola, muito devido à mídia televisiva, o processo criativo das crianças e adolescentes sofre muito a influência do tempo, ritmo, lugares, gêneros (realista e naturalista) e outras considerações que lhes são observáveis, através de novelas, filmes e, de certa forma, também, de desenhos animados. Influências que, muitas vezes, travam a compreensão de teatro, nas produções escolares, onde essa Arte é citada e executada, mas, no entanto, nem sempre, como uma arte legítima, com seus detalhes específicos.

Professores, muitas vezes, não usam dramaturgias, para estimularem os alunos ao experimento do teatro e, sim, poesias, contos, textos narrativos, crônicas... O que exige do aluno trabalho dobrado diante da necessidade de interpretar as circunstâncias dadas no texto recebido, para transformá-lo em uma encenação teatral, culminando, muitas vezes, em “jograis” ou cenas, tecnicamente, mal posicionadas e dirigidas, pela falta que as didascálias fazem aos iniciantes em teatro. Ou seja, os alunos crescem sem uma compreensão certa do que seja e como é a estrutura de um texto dramático, para teatro.

Quero reforçar, para deixar bem claro, aqui, que este projeto de oficina de dramaturgia não foi um questionamento se acontece ou não teatro na escola, mesmo sem a importância de compreensão completa de professores e alunos sobre dramaturgia. Porque muito já se sabe das infinitas possibilidades de encenações teatrais a partir de quaisquer formas de texto. Além dos já citados, acima, mais um tipo de texto é o jornalístico, como apenas mais um exemplo a completar uma simples relação de textos comumente usados na escola, para montagem de encenações.

Até mesmo, conforme também afirma Marici Salomão, em seu artigo publicado na revista SALA PRETA, do Departamento de Artes Cênicas da ECA-USP, Edição nº 8 (2008), sob coordenação editorial de Silvia Fernandes e Luiz Fernando Ramos, intitulado “Os limites do autodidatismo na dramaturgia brasileira”, até “as universidades com curso de artes cênicas valorizam a atuação e a direção, não a dramaturgia”. (SALOMÃO, 2006, p. 15)

Por mais que a generalização, neste Trabalho de Conclusão de Curso, no que se refere a universidades de artes cênicas, seja um tanto exagerada, para mim, no entanto, em várias escolas de ensino fundamental em que já lecionei e/ou tive

contato, a dramaturgia é uma arte absolutamente pouco ou nada trabalhada, segundo suas especificidades.

O foco foi a promoção de dramaturgia teatral e sua formatação estética, na escola, como um elemento artístico genuinamente ligado ao teatro, durante uma antiga história.

O projeto deste TCC abriu a mente de dezenas de adolescentes do Ensino Fundamental 2, através de uma oficina de dramaturgia, assim como pretende expandir-se como uma base a professores de teatro e/ou artes, assim como servir de busca referencial, também, a outros adolescentes de espaços formais e não formais de ensino, por uma boa compreensão de formatação estética e as importantes considerações, para uma eficiente construção de textos dramáticos, para o teatro, especificamente.

O teatro se faz, de fato, imortal, de alguma forma, em todas as partes do mundo. Mas, por onde já consegui analisar o trabalho das professoras regentes que incluem o teatro em seus planos pedagógicos e outras que fui conhecendo em capacitações educacionais a incluir esta e outras artes, noto sempre uma grande dificuldade entre os profissionais da educação para definir, orientar e compreender o ensino da disciplina em questão – o teatro – que sempre foi tido como uma atividade de livre criação, instrumento de ilustração de outras disciplinas ou mesmo, como já disse, parte dos eventos do calendário escolar. E quase sempre usando outros tipos de textos ou improvisações. Menos a dramaturgia.

Em meu processo acadêmico de Licenciatura em Teatro, pela UFSJ – Universidade Federal de São João del-Rei (MG), durante estágios em um espaço formal de ensino, que deu inspirações para o meu projeto de TCC, que projetei e executei no município de Barbacena (MG), fui observando e refletindo quanto ao uso constante de teatro, nos planos pedagógicos, durante todo o ensino infantil, fundamental e médio. Na verdade, de qualquer escola. Nem que seja como um mero elemento artístico em eventos do calendário escolar, com alguma encenação baseada em algum tipo de texto. No entanto, raramente, incluindo o uso de dramaturgias, na concepção de um evento teatral, no meio escolar. Ou seja, nem mesmo em aulas de artes, português e literatura, na fase final do ensino fundamental e médio, havia uso significativo desta arte literária, condenando ano a ano, milhões de crianças e adolescentes a chegarem à fase relativamente final dos estudos sem conhecerem um texto dramático já concebido, para montagem de suas encenações escolares, ou

mesmo terem um conhecimento básico, para escreverem seus próprios textos dramáticos, com uma estrutura de dramaturgia.

No entanto, tal projeto pretendeu provocar o pensamento para o teatro (a arte e o espaço físico que ganham a mesma denominação), ao se tratar de dramaturgia, pensando em um espaço, para localização da trama, a relação dos personagens com o público (ao vivo) e entre si, figurinos, acessórios, adereços, maquiagens, cenários e objetos cênicos (e suas mobilidades e/ou trocas), sonoplastia (ao vivo e/ou gravada), iluminação, entradas e saídas dos atores – e suas ações, em cena, suas falas... Enfim, pensando no universo imediato, frágil e intenso do teatro, através das circunstâncias dadas nas rubricas e/ou falas.

Por fim, que este projeto seja mais uma forma diferenciada de aproximar as pessoas do teatro, através de mais este canal, entre a amplitude que envolve esta arte milenar.

2. DESENVOLVIMENTO

Não diferente de quaisquer escolas em que se pesquise o problema de desconhecimento quanto à forma de escrita básica de um texto dramático, especificamente para o teatro, entre alunos e até professores, o Centro Educacional Aprendiz, uma escola particular, em Barbacena (MG), de Ensino Infantil ao Superior, de fato, reforça a estatística. Ainda mais, sendo grande, no sentido de volumosa em quantidade de alunos, também. O que constata uma grande quantidade de crianças que começam no Maternal e têm a opção de estudarem, ali, até sua formação em Curso Superior, sem sequer ter o conhecimento básico deste grande e primordial assunto que é a base deste TCC. E sediou a execução do projeto de “OFICINA DE FORMATAÇÃO E CONSIDERAÇÕES NECESSÁRIAS PARA UMA ESCRITA DRAMÁTICA PARA O TEATRO NO ENSINO FUNDAMENTAL”.

Fiz, então, uma chamada aos alunos adolescentes do sexto ao nono ano do Ensino Fundamental 2, para uma experimentação de escrita dramática para o “teatro”, considerando uma formatação estética básica e outras considerações necessárias para compor os diálogos dos personagens e as rubricas/didascálias, redigindo uma cena curta. E chamando atenção para a diferenciação de um texto dramático entre teatro e TV, assim como cinema e desenhos animados, considerando que as crianças, adolescentes e jovens, em sua maioria observável em atividades teatrais escolares, possuem grande influência da mídia televisiva, quando criam seus roteiros, se baseando, na maioria das vezes, em novelas, filmes e programas diversos de TV. No entanto, pelo menos em Barbacena, tal fato é compreensível, pela baixa oportunidade de acesso a espetáculos teatrais, como programa cultural.

Preocupe-me em desenvolver uma pesquisa com linguagem de possível boa compreensão aos adolescentes do Ensino Fundamental e professores (não ligados ao teatro), sobre dramaturgia e como se executar uma escrita dramática – relacionando dados básicos de informações para uma estrutura de um texto dramático, especificamente, para o teatro, formulando uma espécie de pequena cartilha de formatação do mesmo.

Em minha oficina, firmei a importância de como organizar as seguintes questões, junto aos adolescentes: “QUEM? ONDE? QUANDO? O QUE? POR QUÊ? PARA QUÊ? COMO?”.

E, baseados nestas questões, puderam partir do seu imaginário fantasioso, assim como puderam se basear em inspirações na vida real, ao escreverem. No entanto, considerando uma dramaturgia para o “teatro”, precisaram idealizar como isto podia ser organizado para um espetáculo. Ou seja, eu quis dizer que, ao escreverem uma dramaturgia, que passassem a considerar os tempos das ações, cenário, figurino, maquiagem, sonoplastias, iluminação, as falas... Enfim, aprofundamento sobre as possibilidades de como desenvolver e organizar, na estética de formatação de uma dramaturgia, as falas dos personagens e as considerações ao ator, diretor, técnicos e suas relações com o espaço cênico, para uma obra literária “teatral”.

Procurei me comunicar com uma linguagem bem simples; de possível boa compreensão aos adolescentes (não ligados a teatro), começando por refletir sobre o significado de “dramaturgia” como o ofício de elaborar um texto com o objetivo de transpô-lo para os palcos, apresentando diante de um público as ideias contidas nesta obra, através da encenação empreendida por atores. Entre as várias definições para a dramaturgia é que esta é a arte de transformar um evento (uma fábula, uma ideia) que acontece antes na nossa imaginação em uma estrutura composta por eventos que acontecerão, imagetivamente, em determinado espaço, ou meio, e servirá de elo entre artistas empenhados numa obra artística e um público que vai assisti-los.

Consideramos a origem etimológica de “dramaturgia”, vinda do grego *drama* que significa “ação” (desenrolar dos acontecimentos, através do diálogo e da movimentação dos personagens).

Um jogo psicológico foi lançado, estimulando cada participante da oficina à busca pela nomenclatura, para si, do especialista nesta arte – dramaturgo. Nem que fosse por uma experiência única que se imortalizaria em um projeto de provocação de atenção à dramaturgia no meio escolar, para muitos.

A grande função do dramaturgo é organizar os acontecimentos de forma que o público não perca o interesse pelo que está acontecendo e, umas das ferramentas mais úteis para isso, é o controle do conhecimento. Quem sabe o que está acontecendo ou que vai acontecer? Algumas personagens? Só o público? Ou todas as personagens conhecem e só o público que não? Enfim, é a partir desses aspectos, técnicas e ferramentas, usadas sempre de modo intencional, conforme o

público que se quer alcançar, que o dramaturgo desenvolve sua dramaturgia que, também, é influenciada pela escolha do espaço cênico.

E de turma em turma fui pautando considerações que poderiam ajudar a organizar o texto de cada um, como uma importância de destacar bem a divisão entre falas do(s) personagem(ns) e as ações dos mesmos e acontecimentos técnicos, como instrução para o ator e técnicos de luz, som, contra regras, etc.. Levei em consideração termos aprendidos e fixados, por mim, a partir de uma oficina de “leitura dramática” do Grupo Galpão, pelo Circuito Telemig Celular de Cultura, em Governador Valadares (MG) – 2003, considerando as falas do(s) personagem(ns) como sendo “texto primário” e a “didascália” como sendo “texto secundário”, mesmo já ouvindo falar, também, como sendo “rubrica” e “indicação cênica”, em vastas experiências de aprendizagens, em fontes multiculturais. No texto primário, poderiam explorar monólogo, diálogos ou apartes. Como quisessem. No texto secundário, como estímulo inicial, diante uma aparente insegurança, ofereci sugestão de, talvez, começarem por pensar e se inspirarem em um ou mais personagens, listando e descrevendo uma ação que daria início à trama. A partir daí, definiriam “onde” aconteceriam as ações, concebendo o cenário e figurino. Sempre atentos em descreverem, claramente, como didascália, a movimentação dos personagens em palco, as atitudes que deveriam tomar, os gestos que deveriam fazer ou a entonação de voz com que deveriam proferir as palavras. Apenas como exemplos dados, para estimular um princípio de criação por parte dos alunos, embasado em uma dramaturgia, especificamente, para “teatro”.

E, com o recurso de apenas uma folha pautada, lápis e borracha ou caneta, todos, a princípio, partiram da comum questão – QUEM? – e começaram a desenvolver um roteiro, com a exigência de ser, apenas, um lado da folha inteira a ser escrita: “no romance, a personagem é um elemento entre vários, ainda que seja o principal. (...) No teatro, ao contrário, as personagens constituem praticamente a totalidade da obra: nada existe a não ser através delas”. (PRADO, 1985, p. 2)

Partimos daí, para atenção ao espaço cênico.

O espaço cênico é um espaço físico onde os atores vão atuar. Onde fica também o público, e pode ser um teatro (edifício com palco italiano, elisabetano, de arena, etc.), uma rua ou outras alternativas. Nesse espaço cênico é onde se estabelecem os espaços dramáticos imaginados pelo autor e desenvolvidos pelos encenadores. O espaço dramático é o local criado pela imaginação (do autor, do encenador e do público) onde as personagens vão existir com as suas relações. São

nesses espaços, um físico e outro imaginário, que acontece o ato teatral onde se mostra um conjunto de acontecimentos, onde estão envolvidos seres humanos que agem e falam perante um público, com a intenção, racional e planejada, de alcançar uma comunicação que cause prazer e reflexão.

O processo entre os alunos foi todo manuscrito, com alguns poucos entregando digitado impresso ou em *pendrive*. Foi definido um padrão, com o segundo passo transcrevendo os seus textos manuscritos para a forma digital. E observando todas as necessidades importantes para uma real peça teatral – uma dramaturgia.

2.1. Cronologia da oficina.

Cronologicamente, a oficina seguiu o plano do pré-projeto, com algumas adaptações:

2.1.1. Primeiro dia de oficina.

Para introdução da oficina, diante dos alunos, passei um leve pancake claro na região dos olhos, firmei seus traços com lápis, coloquei um casaco diferente e um colar e dispus uns objetos próximos a mim, além de um teclado, para que vissem e sentissem um processo de produção de um personagem e seu espaço cênico e representei um trecho de “Valsa nº 6” de Nelson Rodrigues, dentro da sala de aula, transformando o ambiente e a demarcação alunos/professor em um espaço para uma aula espetacular. Após, deixei os alunos falarem sobre suas impressões, livremente. Fiz menção à observação de Brecht, no “*Estudo sobre o teatro. Pequeno órganon para o teatro*”, falando que “o teatro consiste na apresentação de imagens vivas de acontecimentos passados no mundo dos homens que são reproduzidos ou que foram, simplesmente, imaginados; o objetivo desta apresentação é divertir”. (BRECHT, 1978, p. 99 e 100)

2.1.2. Segundo dia de oficina.

No segundo dia, dei um embasamento teórico, quanto à história da estruturação do teatro, a partir da Grécia Antiga e a já valorização da dramaturgia, nesta época, com embasamento resumido de oficinas de “*Construção do*

personagem” e “*Figurino e maquiagem*”, com Gabriel Vilella, através do Circuito Telemig Celular de Cultura, em 2002 e 2003, assim como disciplinas de “*História do teatro*”, “*Dramaturgia*” e outras, no curso de teatro, pela UFSJ. Lancei, então, a proposta de uma possível e futura publicação de um livro com pequenas dramaturgias feitas por cada um, com base na ideia de estrutura técnica de formatação de texto dramático, para o teatro, que lhes foi passado e exemplificado, ao mesmo dia. Como tarefa, pedi que rascunhassem uma dramaturgia, conforme necessidades técnicas, com livre escolha de gênero e roteiro, conforme inspirações e suas memórias. Manuscrito ou digital (a pedido de alguns). Refletimos, então, sobre as duas camadas que se fazem explícitas em um texto literário ou em qualquer roteiro das artes audiovisuais – fábula e narrativa, segundo recorda Calixto de Inhamuns, em um material/roteiro de uma palestra ministrada em 27/05/2014, na cidade de Santos (SP), em comemoração aos onze anos da Trupe Olho da Rua, “*A dramaturgia no ato teatral*” em que, na fábula, onde Brecht considera o cerne e o crítico/filósofo grego Aristóteles considera a alma da narrativa: “ela é o desenvolvimento de um evento onde estão envolvidos seres humanos, acontecimentos passados ou imaginados, segundo Brecht, e que tem princípio, meio e fim. Um evento, um escândalo ou uma ideia fazem parte do mundo orgânico e é dialético – nasce, vive e morre”. (INHAMUNS, 2014, p. 1)

2.1.3. Terceiro dia de oficina.

Ao terceiro dia de oficina, levei alguns alunos/artistas do Centro de Experimentação Teatral CENARTE (meu projeto de fomento artístico-cultural-teatral e social, em Barbacena) para compor uma mesa redonda, em meio aos alunos envolvidos com a oficina, com uma ensaiada leitura dramática de trechos de textos dramáticos trágicos e cômicos. Então, convidei os alunos a participarem. Recolhi os rascunhos, para análises de ortografia, gramaticais, de conteúdo, etc.. Nova tarefa: Pensem em “imagem (ns)” que ilustrasse(m) seu roteiro ou que passasse(m) a ideia de teatro, podendo desenhar, pintar, fazer colagem ou produzir uma foto artística (visão mais sensível e poética e, tecnicamente, com angulações diferenciadas e/ou edições, etc.). Este pedido se deu meramente de forma estratégica, para tentar não deixar que eles se dispersassem, pelo fato de já terem me entregue seu rascunho de texto, enquanto eu os analisava.

2.1.4. Quarto dia de oficina.

No quarto dia de oficina, montamos uma exposição com as poucas ilustrações que trouxeram, para análise coletiva das imagens inspiradas. Alguns voluntários leram suas cenas criadas, com participação de outros colegas, em casos de diálogos. E até outro para leitura das rubricas. Até então, eu já havia identificado alguns textos mais voltados para narrativas e outros sem consciência de recursos “teatrais” para se brincar, por exemplo, com a passagem de tempo ou mudanças bruscas de lugares. Fato consequente de costume de ver o trabalho de ator, comumente, através de novelas e filmes e até as ações em desenhos animados. Houve, então, uma exemplificação para um padrão de formatação dos textos criados para estrutura de dramaturgia:

TÍTULO DA DRAMATURGIA	
	<i>Nome do autor</i>
<i>Texto secundário. (Também chamado de rubrica, didascália, indicação cênica, destina-se ao leitor, ao diretor, aos atores. É composto por: Listagem inicial dos personagens; pelas indicações sobre o cenário e figurinos dos personagens; pelas indicações sobre as movimentações dos personagens, em palco; as atitudes que devem tomar; os gestos que devem fazer ou a entonação que devem proferir as palavras).</i>	
NOME DO PERSONAGEM: Texto primário. (Fala dos personagens)	
(...)	

E fiz um encaminhamento das turmas, para transcreverem sua criação, para a formatação padronizada, para todos, em casa, por a sala de informática não comportar todos de uma vez, em apenas um horário disponível. Trazerem em *pendrive*, para análise e quaisquer ajustes de formatação, antes da impressão.

Anotaram, no caderno, o padrão sugerido de formatação e se firmou a tarefa da oficina, neste dia.

2.1.5. Quinto dia de oficina.

Análise coletiva, por projeção, em *datashow*, dos textos que visualizei, superficialmente, como seguindo o padrão de formatação sugerida, dinamizada por leituras dramáticas pelos autores, em companhia de colegas convidados e/ou voluntários, nos casos de diálogos. Completando o último dia de oficina, com um breve bate-papo sobre a diferença sentida entre o primeiro texto criado com a transcrição do mesmo, para uma básica e objetiva dramaturgia, especificamente, para “teatro”.

3. RESULTADOS

O resultado me foi satisfatório, assim como a autoestima de cada adolescente, entregando seus textos, onde muitos, em declarações verbais e através da diversão, em sua leitura dramática, em experimento, sentiram o quão diferente é o pensamento de um dramaturgo, com relação aos escritores das narrativas que são acostumados a verem em seus livros, com algumas indicações de diálogos, às vezes, precedidos de *hífen* (-). E mesmo os que basearam suas ideias em roteiros de novelas, filmes, séries, programas de TV e desenhos animados relataram a grande mudança em seu texto, passando a considerar o tempo presente, a relação dos personagens com um público, ao vivo, o tempo de transição de ideias e ações, possíveis técnicas e mecanismo de execuções técnicas, o figurino, a maquiagem, o cenário, a luz... E todos pensaram em uma adaptação para um clássico palco italiano, não se arriscando a outros espaços alternativos, até mesmo porque pude observar, em nossas conversas, em sala, que não tiveram hábitos de apreciarem teatro em espaços alternativos. Ou, no máximo, algum evento em uma das praças centrais de Barbacena. Nem mesmo considerando qualquer espaço escolar, em sua criação dramática. Sofreram, por terem que pensar como o tempo passaria em um espetáculo teatral. Tiveram dúvidas de como haveria certas mudanças de ambientes, como alguns se aventuram em imaginações com influências midiáticas. No entanto, compreenderam a “relativa” simplicidade de uma estrutura de um texto dramaturgico e o quanto o mesmo pode trazer objetividade, também, aos trabalhos escolares que envolvem o teatro.

Fizemos uma exposição de seus textos, apenas para professoras do Centro Educacional Aprendiz, no intuito de, após o firmamento deste Trabalho de Conclusão de Curso divulgar, amplamente, para os alunos, em uma publicação completa dos textos adaptados para uma estrutura dramaturgica. Incluindo, cópia para a biblioteca da escola, sob o peso do valor de serem textos que serviram com base para a formação acadêmica de um dos efetivos professores da escola, hoje. E, aproveitando que a escola está firme com um projeto de Festival de Teatro, desde 2013, fazer o palco um espaço para produção de alguns dos textos, conforme um processo de seleção a se definir, numa próxima edição. E dar, assim, mais ênfase a esta arte milenar que provocou este TCC – a dramaturgia, que, de fato, é muito pouco explorada nas escolas. O que causou um princípio de inseguranças nos adolescentes

cheios de influências midiáticas, mas que foi concluído com reverência ao que, também, me orgulha de ser defendido, no meio escolar e no Curso de Licenciatura em Teatro da UFSJ.

E, na busca do título de Licenciado em Teatro, vou me comprometendo à defesa de quaisquer vertentes desta arte magnífica, absolutamente contribuinte aos planos pedagógicos de quaisquer instituições educacionais do mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

INHAMUS, Calixto de. **A Dramaturgia no Ato Teatral**. Artigo – p. 1-4.

COMPARATO, Doc – Da Criação Ao Roteiro. São Paulo: SUMMUS, 2009.

CAVALCANTE, Alex Beigui de Paiva. **Dramaturgia por outras vias: a apropriação como matriz estética do teatro contemporâneo** – Do texto literário à encenação, Tese da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências humanas – Universidade de São Paulo – São Paulo (SP), 2006.

PRADO, Décio de Almeida. **A Personagem de Ficção**. Artigo: A personagem no teatro. São Paulo: Editora Perspectiva, 1985.

SALOMÃO, Marici. Os limites do autodidatismo na dramaturgia brasileira. In: SALA PRETA, Edição nº 8 (2008), sob coordenação editorial de Silvia Fernandes e Luiz Fernando Ramos.

LAVANDIER, Yves. **A Dramaturgia: a arte da narrativa**. Cergy: Le Clown & l'Enfant, 2013.

PAVIS, Patrice. **Dicionário de Teatro**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

PALLOTTINI, Renata. **O que é dramaturgia**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

ANEXOS

O Sofrimento

Personagens = Nicollas e Helbert e Deus amigos, Mãe
Vitor Ventura

Nicollas estava na sala quando viu todos amigos chorando de morrer Helbert

N: O que aconteceu, porque vocês estão chorando?

SA: Não sabemos como te dizer.

N: Como?

SA: O Helbert morreu.

N: Mentira.

SA: Sim é verdade.

É Nicollas chorou nos braços da mãe e dos amigos.

N: Mãe não pode ser.

M: Você tem que se reguardar.

N: A não mãe.

Dali Nicollas entrou em depressão e morreu.

Meu Deus

Se desesperou a mãe e no matou.

O SOFRIMENTO

Vitor Ventura – 7º ano

*Nícolas chega à sala e seus amigos, que estão chorando, junto à sua Mãe.
Menos Helber.*

NÍCOLAS: O que aconteceu? Por que estão chorando?

AMIGO 1: Não sabemos como te dizer!

NÍCOLAS: Fala!

AMIGO 2: Helbert morreu!

NÍCOLAS: Mentira!

AMIGO 1: Sim! É verdade!

Nícolas corre aos braços da Mãe e chora.

NÍCOLAS: Mãe! Não pode ser!

MÃE: Você tem que se segurar!

NÍCOLAS: Não, mãe!

Nícolas, já com fortes crises de depressão, desmaia e morre.

TODOS: Meu Deus!!!

A Mãe se desespera e se mata.

Bruno Nimm ✓ 5ª série, 6º ano.

O Cachorro e o gato

O gato disse para o cachorro:

Gato: ei você não vai me perseguir? Você é um cachorro

O cachorro "apavorado" respondeu:

Cachorro: me deixa em paz!

Gato: Por favor vamos nos divertir.

Cachorro: Comece a correr a correr que eu estou atrás de você!

Gato: Miau!!!

Cachorro: Au! Au! Au!

E eles começaram a se divertir e o gato e o cachorro se deram tão bem que até certo ponto eles começaram a se encontrar para conversar e brincarem.

O CACHORRO E O GATO

Bruno Nimer – 6º ano

Com a intenção de provocar, o Gato passa diante do Cachorro que se paralisa de pavor.

GATO: Ei! Você não vai me perseguir? Você é um cachorro!

Cachorro começa a tremer apavorado.

CACHORRO: Deixa-me em paz!!!

GATO: Por favor! Vamos nos divertir!

CACHORRO: Então... Começa a correr que eu vou atrás de você.

GATO: Miau!

Gato corre.

CACHORRO: Au au au!!!...

*O Cachorro se propõe à brincadeira e, aos poucos, começa a sentir a diversão.
Por um instante, o Cachorro e o Gato param.*

CACHORRO: Podemos nos entrar mais vezes, para conversarmos e nos divertirmos!

Voltam à brincadeira.

O feriado

Nelson A.M. Junior. 7º ano

Um aluno chega a escola e diz com seu colega chamado Gabriel:

Mathews: E aí colega, como foi o feriado?

Gabriel: Foi legal!

E o seu?

Mathews: Também.

Gabriel: E o que você fez?

Mathews: Andei de bicicleta, joguei bola e no sábado sai com minha mãe.

E o que você fez?

Gabriel: Ih. Eu andei de skate, no domingo porque no sábado viajei.

E você não sabe o que aconteceu quando estava voltando!

Mathews: Lala. Lala.

conta Gabriel.

Gabriel: O carro que estava em nossa frente bate com o outro vindo em nossa direção.

Mathews: depois você me conta o que aconteceu, porque minha mãe está me esperando

O FERIADO

Nelson A. M. Júnior – 7º ano

Matheus chega à escola e se encontra com Gabriel.

MATHEUS: E aí, colega!? Como foi o feriado?

GABRIEL: Foi legal! E o seu?

MATHEUS: Também!

GABRIEL: E o que você fez?

MATHEUS: Andei de bicicleta, joguei bola e, no sábado, saí com minha mãe. E o que você fez?

GABRIEL: Ah! Eu andei de skate, no domingo, porque no sábado viajei. E você não sabe o que aconteceu, quando estava voltando!...

MATHEUS: Conta, Gabriel!

GABRIEL: O carro que estava em nossa frente bate com outro, vindo em nossa direção!

MATHEUS: Depois você me conta o que aconteceu, porque minha mãe está esperando.

Mardi a dona de casa

Helbert: 1º ano

Personagens: Mardi, Donizete, Jony e Gismara

O local é em uma casa e Jony e Mardi
Se casam mas ela desconfia da sexualidade de Jony

Mardi começa a chorar: Porque eu sou dona de casa
Jony bate na porta: Mardi eu quero casar com você

Mardi: Mas você não é gay?

Jony: É claro que não Mardi.

Mardi fica desconfiada: Não sei mais quero pensar.

Jony: Tudo bem

Mardi: Já pensei e vou me casar

Jony: aceita de casar e (Se casarem)

Mardi: Ainda depois de 2 anos desconfia

Mardi liga para a detetive Gismara: alô?

Gismara: alô, quem é?

Mardi: Sou Mardi e quero que diga meu marido

Gismara: Qual é o nome dele?

Mardi: Jony Motta

Gismara: Tá bom. Tchau

Gismara segue ele: Você é quem?

Donizete: Marido de Jony Motta.

Gismara liga para Mardi: Sim, Jony é gay

Mardi chora e pega um revólver: Eu vou te
matar vagabundo

Mardi mata Jony: Você está morto! KKKK

FIM

MARLI – A DONA DE CASA

Helbert – 7º ano

Casa de Marli.

Marli começa a chorar.

MARLI: Por que sou dona de casa?

Jony bate à porta.

Marli atende.

JONY: Marli! Eu quero casar com você?

MARLI: Mas você não é gay?

JONY: É claro que não, Marly!

MARLI: Não sei! Mas quero pensar!

JONY: Tudo bem!

MARLI: Já pensei e vou me casar!

Black Out.

Música de casamento.

Luz: Geral branca.

Só Marli, em cena.

MARLI: Ainda, depois de dois anos, desconfio!

Telefona para a detetive Gismara.

MARLI: Alô!

GISMARA: Alô! Quem é?

MARLI: Sou Marli e quero que siga meu marido!

GISMARA: Qual é o nome dele?

MARLI: Jony Motta!

GISMARA: Tá bom! Tchau!

Marli sai de casa.

Entram Jony e Donizete (homem).

A Detetive entra, interrogando Donizete.

GISMARA: Você é quem?

DONIZETE: Marido de Jony Motta!

Gismara liga para Marli.

GISMARA: Sim! Jony é gay!

Marli entra, chorando e com um revolver.

MARLI: Eu vou te matar, vagabundo!

Marli mata Jony.

MARLI: Você está morto!

Gargalhadas, acompanhando a luz caindo, até BO.

A Leão e a Gamba

Era uma vez:

Um leão bem manso, que se achava o rei da selva
(rugido de um leão) 2º plano

Leão: Eu sou o rei da floresta, nenhum animal pode
gambiar de mim.

Mas um dia este leão aprendeu uma lição ^{com} uma
gamba pedorenta e ensinou.

Gamba: Você não é palio para meu bedô
(fumaça verde)

Leão: A quem você acha que é para fazer isto comigo
(Leão sai correndo por causa do bedô)

Gamba: Louca leão quem mandou se exilar.

certinho se fechem o o

se abrem novamente o o leão fala

Leão: ha ha ha, pensaram que eu abri? este mi-
saxo bedô me abetou? precisará bem mais disto.

Gamba: Eu não quero gambiar do você, se quiser
com pane de querer mandar em tudo.

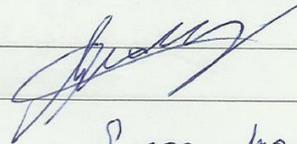
Leão: tente mais se eu parar você vai sair do meu
pé.

Gamba: e assim está feito

Leão: Adus!

Gamba: adust!

Kim.



Lucas Henrique

O LEÃO E O GAMBÁ

Lucas Araújo

Rugido de Leão

LEÃO: Eu sou o rei da floresta! Nenhum animal pode ganhar de mim!

Um Gambá entra.

GAMBÁ: Você não é páreo para meu fedor!

Fumaça verde.

LEÃO: Aaah! Quem você acha que é, para fazer isto comigo?

Leão sai correndo, por causa do fedor.

GAMBÁ: Corra, Leão! Quem mandou se exhibir!

Cortinas fecham e abrem, já com o Leão em cena.

LEÃO: Há há há! Pensaram que acabou? Que este mísero fedor me afetou? Precisarás bem mais do que isto!

GAMBÁ: Eu não quero ganhar de você! Só quero que pare de querer mandar em tudo!

LEÃO: Certo! Mas, se eu parar, você vai sair do meu pé?

GAMBÁ: E assim está feito!

LEÃO: Adeus!

GAMBÁ: Adeus!

Um Dia Difícil e Engraçado

Em um dia de Sol dois amigos estavam no parque, uma
foi comprar sorvete, pois estava calor.

Elizabeth diz: Eu quero um de chocolate Raiane.

Raiane responde: Ok!

Raiane

Quando Raiane voltou com os sorvetes, um deles
caiu no chão e...

Raiane: Elizabeth, me ajuda!

Elizabeth vai ajudar a amiga.

Elizabeth: ~~Raiane Raiane~~! Seu cara está cheio de sorvete,
como isto aconteceu?

Raiane: O sorvete caiu no chão, eu abaixei pra
pegar, aí veio veio um picralho e me empurrou,
aí eu caí em cima do sorvete.

Elizabeth: Foi engraçado, mas vai ser difícil pra você,

Raiane pergunta com desânimo: Porque?

Elizabeth: Pois todos estão olhando e rindo.

Raiane grita: Vamos embora a-g-a-g-a!!

Elizabeth: tá bem!!

e o dia acabou, e elas foram dormir. Fim

UM DIA DIFÍCIL E ENGRAÇADO

?

*Dia de sol.
Duas amigas – Elizabeth e Raiane – cantavam no parque.
Passa um sorveteiro e Raiane resolve comprar.*

ELIZABETH: Eu quero um de chocolate, Raiane!
RAIANE: OK!

*Na volta, um dos sorvetes cai no chão.
Automaticamente, Raiane se abaixa e um Garoto passa, esbarrando, e a faz cair de cara no sorvete.*

RAIANE: Elizabeth, me ajuda!

*Elizabeth vai ajudar a amiga, gargalhando.
Figurantes entram, parando para rirem e cochicharem.*

ELIZABETH: Sua cara está cheia de sorvete! Como isto aconteceu?
RAIANE: Veio um pirralho e me empurrou!
ELIZABETH: Foi engraçado! Mas vai ser difícil para você!
RAIANE: Por quê?
ELIZABETH: Pois todos estão olhando e rindo!

Raiane fica nervosa e grita.

RAIANE: VAMOS EMBORA, A-GO-RA!
ELIZABETH: Tá bem!

Saem.

OK algummarais

Pegando onda

Auto: Bernar Guimarães

1º Diego

6º Ano

3º: vou pegar uma onda

Fala: Dia perfeito para pegar uma onda!

1º Michel

2º: estava a caminho da praia

Fala: agora pega uma onda?

1º: Diego responde

Fala: agora deje lá maneiro para uma boa onda

2º: michel responde:

Fala: demora, agora já está!

APRENDIZ
Colégio & CURSOS

Depois de muito tempo michel fala,

2º: Fala: mamooli vou almoçar, depois não pega mais onda aqui.

3º: Fala: já!

Depois do almoço eles voltam a surfar e também ali arrumam umas galinhas querendo aprender a surfar.

PEGANDO ONDA

Bernardo Guimarães – 6º ano

Diego entra, pronto para pegar uma onda.

DIEGO: Dia perfeito, para pegar uma onda!

Entra Michel.

MICHEL: “Bora” pegar uma onda!?

DIEGO: “Demorô!” “Bora”, lá, então!

E começam a surfar, sob música animada.

MICHEL: “Mano”! Vou almoçar! Depois “nóis pega” mais onda! Valeu?!

DIEGO: Já é!

Entram umas “gatinhas”, querendo aprender a surfar. E com tanta insistência, resolvem ficar mais um pouco, ao som de música animada.

Luzes vão baixando, aos poucos, até Black Out.

De salto alto

Mariana Esteves 8º ano

Em um navio, no século 18
entra personagem principal com roupas da época.

Baronesa Amelia: Abre cortinas do quarto do navio

Julie: Madame, aqui esta seu chá.

Baronesa Amelia: Ai meu deus, que pobre! Menina, teu vestido es horrivel

Julie: Sei que não es belo, igual ao teu, madame.
Quer ajuda para levantar?

Fantasma: segura e rasga vestido baronesa.

Baronesa Amelia: Menina, venha aqui, teu custuro vai me custar caro.

Julie: Sei, que é simples mas se quiser pode pega o meu.

Baronesa Amelia: Ta vendo? Não es belo? Venha inbecil me ajude a subir.

Fantasma: segura e faz baronesa cair.

Julie: Olhe, é o meu número.

Fecha cortinas

DE SALTO ALTO

Mariana Esteves – 8º ano

Em um navio do século XVIII, entra a Baronesa Amélia, com roupas de época, e abre as cortinas do quarto do navio.

Entra Julie, oferecendo serviço de bordo.

JULIE: Madame! Aqui está seu chá!

BARONESA AMÉLIA: Ai, meu Deus! Que pobre! Menina, teu vestido é horrível!

JULIE: Sei que não és belo igual ao teu, madame! Quer ajuda, para levantar?

Um Fantasma entra e rasga o vestido da Baronesa.

BARONESA AMÉLIA: Menina! Venha aqui! Algo rasgou meu vestido!

JULIE: Sei que és simples, mas, se quiseres, pode pegar o meu!

BARONESA AMÉLIA: Venha, imbecil! Ajude-me, aqui!

Trocam de vestido.

JULIE: Olha! É o meu número!

O Fantasma volta e faz Baronesa cair.

Cortinas fecham.

SOU ^{mais} **APRENDIZ**

Aluno(a): João Philippe Nascimento

Série: 8º ano Disciplina: Artes

Professor: Sábio Lima

Data: / /

Visto:

Pensei besteira?

João Nascimento, 8º ano

Abriu a cortina, revelando uma outra cortina branca e lisa, acendeu-se uma luz branca atrás da cortina, revelando duas sombras, de um homem e uma mulher.

VOZ FEMININA: Sim certeza que vamos fazer isto hoje? É minha primeira vez.

VOZ MASCULINA: Juro certeza sim. Quero fazer isto.

VOZ FEMININA: Não, gosto tanto de ver sofrer?

VOZ MASCULINA: Não, gosto de te ver satisfeita.

A sombra do homem entrou na frente da cabeça da sombra feminina, que estava deitada.

VOZ FEMININA: Não vai tanto assim... mas está sangrando...

VOZ MASCULINA: Não mesmo, teme, este pequeno... e... teme de marcar outro dia.

A cortina branca caiu e a luz se apagou, revelando um escritório de identidade, com uma menina deitada na maca e um rapaz com a roupa toda branca.

VOZ FEMININA: Sim, surra que vem, só espero que a platéia toda não pense besteira!

Amber dá as mãos e agradece a platéia, e saem do palco.

PENSOU BESTEIRA

Igor Philipe Nascimento – 8º ano

Abrem-se as cortinas, revelando outra cortina branca e lisa.

Acende-se uma luz branca, atrás da cortina, produzindo duas sombras: de um Homem e de uma Mulher.

VOZ FEMININA: Tem certeza que vamos fazer isto, hoje? É minha primeira vez!

VOZ MASCULINA: Tenho certeza, sim! Adoro fazer isto!

VOZ FEMININA: Nossa! Gosta tanto de me ver sofrer?

VOZ MASCULINA: Não! Gosto de te ver satisfeita!

A sombra do Homem entra na frente da sombra da cabeça da Mulher que estava deitada.

VOZ FEMININA: Não dói tanto assim! Mas está sangrando!

VOZ MASCULINA: Não mesmo! Tome este paninho! E... Temos que marcar outro dia!

A cortina branca cai e as luzes se apagam, revelando um consultório de dentista, com uma Mulher deitada na cadeira e um Homem com a roupa toda branca.

VOZ FEMININA: Sim! Semana que vem! Só espero que a plateia toda não pense besteira!

Ambos dão as mãos, agradecem e saem do palco.

Colos Eduardo 8º (7 reus)

Pelo a mãe sempre e diálogo

Narrado apresenta a peça.

Mãe estava vendo filme.

- Mãe ~~falando~~: Filho daqui uma semana você vai ganhar a sua mãe.

Filho ~~falou~~: Muito obrigado mãe, até que fim não penso de andar na grama.

Mãe: É mesmo filho.

Filho ~~dis~~: Vou sair com meu amigo vim não dá. Vai lá filho chega cedo. Vem?

Filho ~~dis~~: Também.

Amigo: Vamo lá na praia.

Filho ~~dis~~: Vamo sim.

Narrado: Passando uma semana a mãe do Pedro chegou.

2 Pedro ~~dis~~: Vamo sair. Hoje estou com a minha mãe do

- Henrique ~~dis~~: Vamo sim.

- Pedro: indo na casa de seu amigo notando a mãe dele.

Mãe e Pedro: Mãe fui notado

Mãe: Foi na delegacia e deu queixo

Pedro: Mãe passou uma semana a ser acha?

Mãe: Filho chegou a sua mãe acher?

Pedro: fico feliz por sempre.

ROUBO DE MOTO

Carlos Eduardo – 8º ano

Mãe estava vendo filme, com seu Filho.

MÃE: Filho! Daqui a uma semana, você ganhará a sua moto!

FILHO: Muito obrigado, mãe! Até que em fim, vou parar de andar na garupa!

MÃE: É mesmo, filho!

FILHO: Vou sair com meu amigo, viu?!

MÃE: Vai, lá, filho! Chega cedo, viu?!

FILHO: Tá bom!

O Filho encontra-se com o Amigo, na boca de cena.

AMIGO: Vamos à praia!

FILHO: Vamos, sim!

Saem.

Black out.

Passa-se uma semana.

O Filho entra com sua moto e seu Amigo.

FILHO: Vamos sair! Hoje estou com a minha moto!

AMIGO: Vamos, sim!

Saem, com a moto.

Luz: BO.

Luz acende e o Filho entra, correndo e nervoso.

FILHO: Mãe!!! Fui roubado!!!

MÃE: Foi na delegacia e deu queixa?

O Amigo entra, animado.

AMIGO: Pedro! Acharam sua moto!

Comemoração.

O ASSALTO

Lucyana Rettore – 7º ano

*Abrem-se as cortinas.
Gabriela entra e para.*

GABRIELA: Marina!!! Venha rápido, senão vamos perder o show!
MARINA: Tá! Tá! Já vou! Pra quê tanta pressa!
GABRIELA: Você que é mole, garota!

*As duas saem.
Entram Assaltantes.*

ASSALTANTE 1: Cara! Hoje não tem nada pra gente fazer!
ASSALTANTE 2: Não! Tem um show, hoje! A gente podia ir!
ASSALTANTE 1: É! É uma boa ideia, mano!
ASSALTANTE 2: Então, vou tomar um banho, pra gente ir!

*Os Assaltantes saem.
Marina e Gabriela entram, para a boca de cena, como sendo o portão do show,
quando também chega o Assaltante 1.*

ASSALTANTE 1: Dá-me a bolsa!
MARINA: Nós nem trouxemos bolsa, idiota!
ASSALTANTE 1: Então, me dá tudo o que tiverem!
MARINA: Não!

Ficam parados, por alguns segundos.

GABRIELA: Deixem-nos em paz, por favor!
ASSALTANTE 1: Vou ter que chamar o meu parceiro!

*Chama.
Assaltante 2 aparece.*

ASSALTANTE 2: Vamos levar elas, para um depósito!

*Pegam-nas, mas aparecem Seguranças que rendem os Assaltantes, os
prendendo.
A cortinas se fecham.*

Barbara Umbelino / 6º ano

Grande Amor

Roberta e Diego um casal de namorados
resolveram passar juntos o dia.

Roberta

Oi amor, eu estava morrendo de saudade. (Ela o
abraça com força.)

Diego

A eu também! (E ele o dá um beijo)

Roberta

Como nos vamos? (Ela pergunta interessada)

Diego

É uma surpresa. (Ele tenta desfiar.)

Roberta

Você tá muito misterioso. (Ela fala para)

Diego

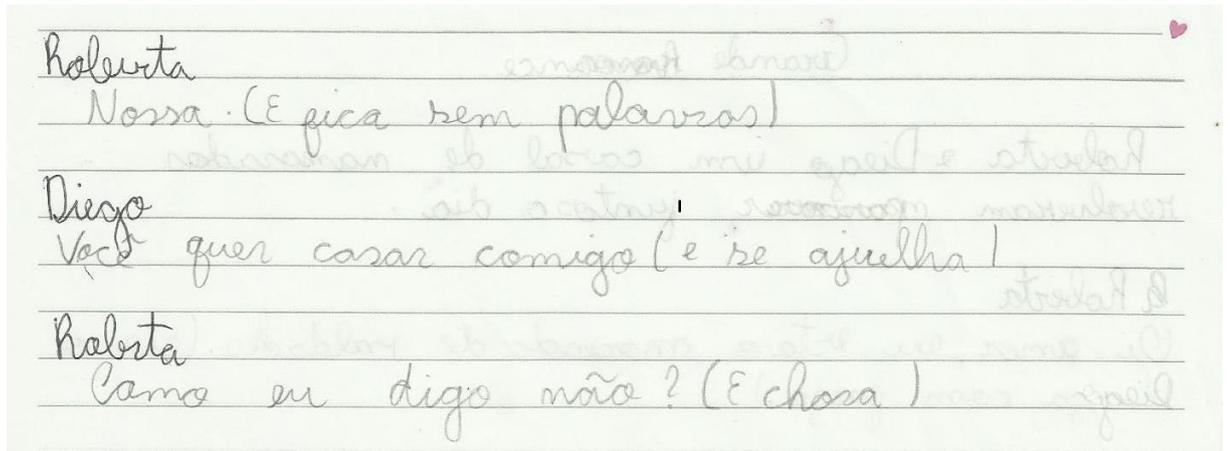
Vamos? (E ele anda rápido)

Roberta

Tá! (E corre atrás dele.)

Diego

Ahã eu te amo! (Ele diz sorrindo!)



GRANDE AMOR

Bárbara Umbelino – 6º ano

Roberta e Diego, um casal de namorados, resolveram passar o dia juntos.

ROBERTA: Oi, amor! Eu estava morrendo de saudades!

Ela o abraça, com força.

DIEGO: Ah!... eu também!

E dá um beijo nela.

Roberta se mostra entusiasmada.

ROBERTA: Aonde nós vamos?

DIEGO: É uma surpresa!

ROBERTA: Você está muito misterioso!

DIEGO: Vamos?

Ele anda rápido e ela corre, atrás.

Ele para, de repente.

DIEGO: Olha! Eu te amo!

ROBERTA: Nossa!

DIEGO: Você quer casar comigo?

E se ajoelha.

ROBERTA: Como eu digo não?!

E chora.